



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JOELMA MARIA DE ABREU

A SISTEMATIZAÇÃO DA ORALIDADE NA PERSPECTIVA DOS
MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA

CAJAZEIRAS - PB

2019

JOELMA MARIA DE ABREU

**A SISTEMATIZAÇÃO DA ORALIDADE NA PERSPECTIVA DOS
MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A162s Abreu, Joelma Maria de.
A sistematização da oralidade na perspectiva dos multiletramentos em sala de aula / Joelma Maria de Abreu. - Cajazeiras, 2019.
45f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2019.

1. Língua Portuguesa. 2. Gêneros textuais. 3. Multiletramento. 4. Oralidade. 5. Prática docente. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 811.134.2

JOELMA MARIA DE ABREU

**A SISTEMATIZAÇÃO DA ORALIDADE NA PERSPECTIVA DOS
MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA**

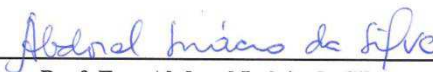
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 26/06/2019


Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG – Orientadora)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof.^a Ma. Rozilene Alves Lopes
(UAE/CFP/UFCG – Examinador 2)

Ao meu grande Deus, pelo dom da vida.

Aos meus filhos Alberto e Maria Alícy, por serem o incentivo para as conquistas dos meus sonhos! Mamãe sempre batalhará por vocês!

A minha família, em especial (esposo e sogra) por me apoiarem sempre.

***PARA SEMPRE MINHA ETERNA DEDICAÇÃO
E GRATIDÃO!***

AGRADECIMENTOS

Deus esteve ao meu lado e me deu força, ânimo e crença para não desistir e continuar lutando por este meu sonho e objetivo de vida. A Ele eu devo minha gratidão.

A minha mãe por ter me presenteado com a vida, a minha base, mulher forte e batalhadora que me revigora, que me fortalece e me conforta com suas palavras.

Ao meu pai Almeida, um agricultor simples e humilde, mas pregava que “mesmo não tendo condições financeiras o estudo é a única riqueza que existe no mundo”, como também, ensinou uma educação baseada no caráter, na honestidade e no respeito às pessoas.

Aos meus filhos, Alberto e Alícy, tenho certeza que vocês são um propósito de Deus na minha vida, por vocês mamãe persistirá, por vocês mamãe vai alcançar vãos altos.

Ao meu esposo Adalberto, que me estimulou durante todo o curso e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos.

Amigos, família, em especial a minha sogra Francilene, a vocês eu deixo uma palavra gigante de agradecimento. Hoje sou uma pessoa realizada e feliz porque não estive só nesta longa caminhada. Vocês foram meu apoio.

Aos meus colegas do Curso, pelas forças e pelas parcerias empregadas no decorrer da formação, pela troca efetiva de conhecimentos em função das nossas melhorias mútuas.

A esta instituição tão imponente eu agradeço pelo ambiente propício à evolução e crescimento, bem como a todas as pessoas que a tornam assim tão especial para quem a conhece.

Ao longo de todo meu percurso eu tive o privilégio de trabalhar, de perto, com os melhores professores, educadores, orientadores, em especial a Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira. Sem eles não seria possível estar aqui hoje de coração repleto de orgulho.

A todas as pessoas que de uma alguma forma me ajudaram a acreditar em mim eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem elas não teria sido possível.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreendermos a importância da prática docente em relação ao trabalho sistematizado com os gêneros textuais, em especial os orais, na perspectiva do letramento e multiletramentos em sala de aula. Com isso, observamos uma necessidade de aperfeiçoamento das práticas de ensino, de forma organizada, para a obtenção do conhecimento ao que compete à interação sócio-comunicativa. Para fundamentarmos a pesquisa, os autores que nos embasaram foram: Soares (2012), Kleiman (1995), Rojo (2012), Antunes (2003), Marcuschi (2008), Ângela Paiva (1995), PCN (1997) e a BNCC (2018), entre outros que exploram temáticas que auxiliam o melhor desempenho dos professores em sala de aula. A metodologia consta de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, e de natureza básica. Como resultado, apresentamos uma proposta de intervenção, com o gênero entrevista, para ser apresentada a docentes do 9º ano do Ensino Fundamental II, na perspectiva dos (multi)letramentos. Com isso foi possível comprovarmos a importância de um processo de ensino-aprendizagem, advindo do uso das tecnologias digitais, da cultura, valores e conhecimentos prévios dos alunos, como ferramentas motivadoras e dinâmicas.

Palavras-chave: (Multi)letramentos. Gêneros textuais. Prática docente.

ABSTRACT

This research aims to understand the importance of teaching practice in relation to systematized work with textual genres, especially oral ones, from the perspective of literacy and multiliteracies in the classroom. With this, we observe a need to improve teaching practices, in an organized way, to obtain the knowledge that corresponds to the socio-communicative interaction. In support the research, the authors who based us were Soares (2012), Kleiman (1995), Rojo (2012), Antunes (2003), Marcuschi (2008), Ângela Paiva (1995), PCN (1997) and the BNCC (2018), among others that explore themes that subsidize the best performance of teachers in the classroom. The methodology consists of a bibliographical research, of qualitative nature, and of a basic nature. As a result, we present a proposal of intervention, with the genre interview, to be presented to teachers of the 9th grade of Elementary School, from the perspective of (multi)literacy. With this, it was possible to prove the importance of a teaching-learning process, resulting from the use of digital technologies, culture, values and previous knowledge of the students, as motivating and dynamic tools.

Key-words: (Multi)literacy. Textual genres. Teaching practice

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Os três gêneros do discurso segundo Aristóteles – Esquema de Olivier Reboul.....	24
Figura 2	- Filme Escola da Vida.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
CFP	-	Centro de Formação de Professores
GNL	-	Grupo de Nova Londres
LP	-	Língua Portuguesa
PCN	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
TDIC	-	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TICS	-	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 O LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES ..	16
2.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO.....	23
2.3.1 A sistematização do trabalho com a oralidade.....	29
2.3.1.1 O Gênero Entrevista.....	31
3 O GÊNERO ENTREVISTA NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA DOCENTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

As discussões acerca das práticas pedagógicas dos docentes em relação aos gêneros orais são questões abordadas por grandes teóricos que procuram explicar o quanto uma mudança de concepção de ensino e aprendizagem se faz necessária por meio desses gêneros. Portanto é fundamental promover o conhecimento e preparar os alunos para o exercício da cidadania, em que a escola tem um papel relevante, ao não omitir-se da responsabilidade de ensinar nessa perspectiva.

Em se tratando da sistematização das práticas pedagógicas, na perspectiva dos multiletramentos em sala de aula, esta pesquisa quer auxiliar os docentes nas suas práticas de ensino, ao apoiá-los com os pressupostos teóricos que fundamentam a educação atual. Para isso é importante refletir sobre os gêneros textuais que circulam na sociedade e a sua contribuição no desenvolvimento da leitura e da escrita, na perspectiva das práticas de letramento, evidenciando assim, uma melhor sintonia com as práticas do aluno na sociedade.

Nessa perspectiva, este trabalho permitirá ao docente desenvolver um ensino que exige planejamento e uma metodologia sistemática, no que se refere à preparação do alunado no desenvolvimento de suas habilidades orais e escritas, destacando a importância do trabalho com a modalidade oral, ainda pouco trabalhada em sala de aula. Nesse contexto pergunta-se: como deve ser trabalhada a oralidade na perspectiva dos multiletramentos?

Dentro do contexto escolar temos observado que o ensino de Língua Portuguesa (LP), principalmente, em relação aos gêneros orais precisam ser mais sistematizados e trabalhados com os professores em suas práticas de ensino. Portanto é necessário proporcionar formações para os professores, havendo a necessidade de estudar teóricos que trabalhem essa modalidade em sala de aula.

Para muitos professores há uma desconfiança quando lhes são indicado referenciais teóricos para ajudar a planejarem suas aulas. Antunes (2003, p. 40), chama atenção para explicar esse desconforto ao afirmar que “os professores podem ter razão, principalmente, se a teoria que estudaram não ajudou a tornar sua atividade pedagógica mais produtiva, mais relevante e significativa”. Por isso é de extrema importância a escolha dos teóricos para fundamentar a pesquisa.

É importante ressaltarmos também que, as aulas de Língua Materna precisam ser organizadas a partir do que leva o alunado a progredir em termos de conhecimento da sua realidade social. Portanto a importância do uso das mídias e das Tecnologias Digitais de

Informação e Comunicação (TDIC) que vêm assumindo cada vez mais um espaço na atualidade e sendo, portanto, muito utilizadas entre crianças e jovens.

Deste modo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como ferramenta de capacitação docente, oferece um diagnóstico sistematizado, possibilitando novas criações de gêneros textuais e discursivos no contexto do ensino-aprendizagem através do meio comunicativo que permite aos docentes inovar as suas práticas de ensino em sala de aula (BRASIL, 2018).

Assim, cabe à instituição escolar, juntamente com os professores, inserir nos seus planos de ensino trabalhos com os gêneros, pois atualmente com o turbilhão de gêneros existentes se faz necessário, aos profissionais de ensino, capacitar-se para contribuir com o ensino-aprendizagem que tenha uma relação com a prática social do aluno. Por isso é importante que o professor apresente uma melhor abordagem para o ensino dos gêneros textuais na perspectiva do letramento e dos multiletramentos, possibilitando assim que os alunos dialoguem entre os novos conhecimentos que esses adquirirão no espaço escolar e a sua prática social que consiste nos conhecimentos prévios, cultura, valores, crenças, etc.

Destarte, para que aconteça o fazer pedagógico do docente, além das prerrogativas apresentadas, é necessário que esse esteja sustentado à luz de teorias que possibilitem aulas dinâmicas e significativas, podendo desenvolver nos alunos competências comunicativas e contribuir para que estes, de certa forma, estejam preparados para fazer uso das competências linguístico-discursivas nas muitas esferas de comunicação humana que se constituem além dos muros escolares.

Nessa lógica, o objetivo geral desta pesquisa é compreendermos a importância da prática docente em relação aos trabalhos sistematizados com os gêneros orais e escritos na perspectiva do letramento e multiletramento em sala de aula. Para cumprirmos as nossas finalidades, os objetivos específicos são: apresentar a história do letramento e multiletramento e suas contribuições no fazer pedagógico do professor em sala de aula; destacar a importância dos gêneros textuais no ensino aprendizagem; definir a relevância do trabalho com o gênero oral de forma sistematizada e propor uma intervenção pedagógica com o gênero entrevista na perspectiva dos multiletramentos.

Para fundamentar a pesquisa nos embasamos, principalmente, nos aportes teóricos de Soares (2012), Kleiman (1995), Rojo (2012), Antunes (2003), Marcuschi (2008), Dionísio (1995), Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997) e a BNCC (2018) entre outros que exploram as temáticas aqui trabalhadas.

No que se refere à metodologia, utilizada neste trabalho, trata-se de uma pesquisa de

cunho bibliográfico por se tratar de estudos realizados por meio de livros, textos escritos e digitais acadêmicos já publicados. Ander-Egg (1978:28 *apud* MARCONI e LAKATOS 2003, p. 139), explica que a pesquisa é um "procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento". As autoras ainda esclarecem que se trata de um procedimento formal, com método de pensamento cauteloso, que tem caráter puramente científico e se confirma através do caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.

É também uma pesquisa exploratória, que tem por finalidade oferecer maior familiaridade com o assunto, e está voltada para uma abordagem qualitativa, um modelo que "[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc." (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31). De acordo com as autoras, é uma pesquisa de natureza básica, ou seja, comporta a intuição de gerar novos/outros conhecimentos sem necessariamente precisar de aplicações práticas, a fim de contribuir com a ciência dos fatos.

A pesquisa partiu das experiências vivenciadas, como professora, em sala de aula e nos estágios realizados no Curso de Graduação em Letras do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em que pudemos constatar a dificuldade dos alunos ao desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade. Ao realizar as observações dos Estágios Curriculares Supervisionados do Fundamental e Ensino Médio percebemos a limitação, de alguns professores, ao apresentar os conteúdos e os métodos a serem trabalhados em sala de aula. Em suma, essa realidade nos motivou a buscar outros meios para desenvolver uma metodologia mais significativa e motivadora para nossos alunos, como é o caso dos multiletramentos.

Para isso, escolhemos como objeto de análise literaturas que desenvolvem as práticas de letramento, multiletramento e os gêneros textuais orais e escritos, que por sua vez, foram fichadas e analisadas na intenção de somar, evitando repetições, expondo informações bem elaboradas para fundamentação teórico-metodológica, abordando o tema explorado na pesquisa aqui posta.

Como resultado deste trabalho, apresentamos uma proposta de intervenção para docentes do 9º ano do Ensino Fundamental II, por meio de uma sequência didática que aborda o gênero entrevista na perspectiva dos multiletramentos.

Este trabalho foi delineado e organizado em três capítulos. O primeiro capítulo, introdução, iniciou centrado nos estudos de Antunes (2003) que por meio das suas experiências como professora pretende aproximar os professores do seu perfil ideal no

ensino da LP, e contribuir no crescimento dos alunos nas competências da oralidade e da escrita. Além disso, está embasado na BNCC (2018), que leva em conta a influência das novas TDIC para o desenvolvimento da pedagogia e da didática no ensino-aprendizagem. Neste capítulo apresentamos também o problema da pesquisa, a hipótese, a justificativa do tema escolhido, os objetivos, fundamentação teórica e metodologia da pesquisa.

Em seguida, no segundo capítulo, intitulado: o letramento e multiletramentos: conceitos e contribuições a apresentar as diferenciações entre alfabetização e letramento, trazendo uma abordagem sobre os significados do letramento e sua importância para as formas como os sujeitos constroem as suas relações nas práticas sociais cotidianas. Além disso, abordamos as práticas educativas na visão dos (multi)letramentos, destacando a importância do trabalho com a cultura, valores, tecnologias e mídias digitais.

Ainda neste capítulo, destacamos a relevância dos gêneros textuais orais e escritos como ferramenta de ensino, enfatizando as contribuições dos PCN (1997) e da BNCC (2018) ao compartilhar os conhecimentos necessários para a formação do aluno como cidadão e o seu papel em nossa sociedade.

No terceiro capítulo apresentamos uma proposta de intervenção: o gênero entrevista na perspectiva dos multiletramentos: uma proposta para docentes do 9º ano do Ensino Fundamental II, que tem como finalidade contemplar o trabalho com os gêneros textual entrevista na perspectiva dos (multi)letramentos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um dos papéis do ensino da LP é promover o desenvolvimento intelectual e social do alunado, portanto, nesta perspectiva apresentaremos o processo de ensino-aprendizagem, de acordo com as práticas de letramentos e multiletramentos, com a finalidade de contribuir com o trabalho do professor e um melhor entendimento dos alunos, de maneira sistematizada em sala de aula.

Nesta perspectiva o letramento vai além das habilidades do sujeito em relação à leitura à escrita. Para isso é necessário termos discernimento das práticas sociais materializadas nos gêneros textuais como ferramenta de comunicação, na perspectiva sociointeracionista, como também, os estudos através dos Multiletramentos que se enquadram na abordagem das práticas de textos e de outras formas semióticas de comunicação, a partir da relação das novas tecnologias digitais com as práticas sociais da pós-modernidade.

Dentro dessa visão, mudanças acontecem de forma gradativa, outras, porém, surgem velozmente modificando significativamente a sociedade, como é o caso, por exemplo, dos avanços tecnológicos. Assim, com essas mudanças, cabe ao professor capacitar-se para trabalhar com os aparatos tecnológicos, sabendo utilizar o potencial das ferramentas no aperfeiçoamento das suas metodologias em sala de aula. Para isso os gêneros textuais apresentam-se como fortes aliados do ensino-aprendizagem, indispensável para com o trabalho em sala de aula.

2.1 O LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES

Segundo Soares (2012), letramento é uma palavra nova no léxico da LP, que surgiu por volta dos anos 80 no Brasil, que comporta o vocabulário da Educação, bem como no âmbito das Ciências Linguísticas. Para Soares (2003, p. 15, grifo da autora), o berço para o surgimento da palavra letramento aconteceu “[...] em um livro de Mary Kato, de 1986 (*No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, Editora Ática)”. Desde então, a palavra passou a ganhar estatutos entre os especialistas no campo da Educação. Vale à pena destacarmos que há certa estranheza, por parte dos pesquisadores, causada por tal palavra, diferente de outras do mesmo campo semântico que estavam bem mais próximas: analfabetismo *versus* analfabeto, alfabetizar *versus* alfabetizado, letrado *versus* iletrado, isto segundo o Aurélio de Português.

De acordo com Soares (2003, p. 38), o letramento é “o resultado da ação de ‘letrar-se’”, ou seja, seria, além do aprendizado da leitura e da escrita, a apropriação dessas. Da mesma forma acontece com os usos da tecnologia, pois não basta apenas conhecer, mas sim apropriar-se dela, para que assim o indivíduo seja considerado letrado, isto é, o sujeito letrado é aquele que utiliza da leitura e da escrita, socialmente, de maneira constante.

Contudo, para o melhor entendimento da palavra letramento é necessário entendermos que analfabetismo, de acordo com a pesquisadora, surge da condição ou do estado do sujeito ser analfabeto, ou seja, não poder exercer, em toda totalidade, os seus direitos de cidadão, por não saber atuar na sociedade e, portanto ser marginalizado e, sem acesso aos bens culturais dos letrados. Assim, o letramento surge para suprir a necessidade de ser oposto ao analfabetismo, como também aparece com semelhanças do significado da palavra alfabetismo, que não sendo de uso corrente, ambas se aproximam no significado e no mesmo papel sociocomunicativo no que diz respeito às práticas escolares.

Inquestionavelmente, letramento é, portanto, interligado a alfabetismo. E, associado às práticas de leitura e escrita, habilidades adquiridas em especial no processo de alfabetização escolar, este tem a função de incluir os alunos em atividades sociais que funcionam em decorrência da escrita. Nesse sentido, letramento vai muito além do ato de codificar e decodificar símbolos de uma língua, este se infere a partir de práticas sociais que envolvem leitura e escrita com fim comunicativo e interativo. Portanto, uma pessoa pode ser alfabetizada, e não saber fazer uso da língua, como pode ser, simplesmente, letrada e conseguir atuar nos diferentes contextos que a sociedade oferece. Um exemplo disso é um agricultor analfabeto que sabe medicar um animal; usar o caixa eletrônico; fazer cálculos matemáticos, etc.

O letramento tem se apropriado do que se concebe como alfabetização em função das práticas comunicativas e mais especificamente vem se instaurando no meio social a partir dos grupos menos favorecidos, pois, o desenvolvimento do letramento está associado à “[...] crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita” (KLEIMAN, 1995, p. 15). Assim sendo, a escola tem a função de desenvolver projetos educativos, bem elaborados, que venham a garantir uma democratização social e cultural de todos os seus alunos, assim como o acesso aos saberes linguísticos imprescindíveis para exercer a cidadania.

Nesse contexto, os PCN da LP trazem respostas em relação às novas exigências sociais, nas quais, a escola precisa ter presente ao desenvolver projetos educativos. Vejamos o que ele diz a respeito do trabalho com o letramento:

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1997, p. 23).

Sendo assim, tem-se associado o letramento aos aspectos da oralidade e da escrita, como resultado da educação escolar, em que tal prática, em parte das escolas, limita-se apenas ao ato da alfabetização, que não está no nível do que Kleiman (1995, p. 18) instrumentaliza nos seus discursos, sobre o letramento, ao afirmar que são apoiadas nas “[...] práticas discursivas de determinado grupo social”.

Ainda para a autora, a real preocupação da alfabetização nas escolas está apenas na aquisição dos códigos (alfabético, numérico) que determinam a língua, e não com a interação social em grupo, o sucesso individual do aluno, mas sim, com a promoção da escola. Essa, muitas vezes, não se preocupa em acolher a criança com toda a sua vivência, adquirida em seu convívio familiar e no seu grupo social ao longo do tempo.

É importante ressaltar que não é responsabilidade apenas da escola a formação de cidadãos interativos, essa depende, consideravelmente, do grau de letramento familiar que a criança possui, das instituições de base em que ela está inserida, pois é através das atividades de rotina que compete às instituições sociais, que o letramento aconteça de maneira mais eficaz.

De acordo com a BNCC (2018), as praxes humanas acontecem nas práticas sociais, proporcionadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas habilidades, os sujeitos compartilham consigo mesmas e com os demais, constituindo-se como pessoas sociais. Nessas relações, estão conectados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos. Portanto, é papel do professor, como mediador, contribuir no desenvolvimento das competências comunicativas do aluno, a partir de práticas de letramento, ao introduzi-lo no contexto social e/ou cultural, em esses que estão inseridos, em diálogo com os novos conhecimentos adquiridos na escola.

Na sociedade atual, em que a tecnologia da informação tem avançado muito no quesito da interação, e as mídias vêm contaminando positivamente o sistema de comunicação, é indispensável avançar para o que Rojo (2012) chama de multiletramentos. Nesse sentido, a palavra letramento recebe o prefixo "multi" para dar espaço às várias classes sociais,

especialmente às marginais, a terem acesso à educação que lhes convêm, pois dispomos de uma sociedade diversificada que precisa ser politizada no que a população oferece.

Ao passo que as novas tecnologias seguem, emergindo novos gêneros, a sociedade apropria-se de competências que estão ligadas às diversas práticas socioculturais e ao uso das tecnologias digitais. No caso dos multiletramentos, além de fazer uso das tecnologias, cultura, valores, etc., esses abrangem diversidades de textos multimodais e multisemióticos que envolvem imagens, sons, escrita, etc. Para uma maior explicação em relação ao texto, Rojo (2012, p. 19) destaca:

É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiótica dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semiotes) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso, gêneros e práticas consagradas pela escola, próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais, isso porque vivemos em uma sociedade em que há predomínio no uso de aparelhos eletrônicos como *smartphones*, *tablets*, celulares, computadores, e muitos outros objetos, que aliados à *internet* possibilitam interação e diversão, além de promoverem informação e comunicação em massa.

Isto posto, ressaltamos que, novos gêneros surgem para cumprir a necessidade da comunidade, e que os gêneros são maleáveis, plásticos e dinâmicos, o que possibilita o surgimento de inúmeros outros gêneros em todas as esferas sociais, inclusive nos meios tecnológicos que a cada dia ganham mais espaço na sociedade em que a cultura é tida como eletrônica e são influenciadas a interagirem por essas formas tecnológicas. Porém, para que existam as interações, e se essas interações estão em constantes mudanças de acordo com as necessidades de cada sociedade, influenciadas pelo desenvolvimento tecnológico, é preciso rever as práticas de letramento como assim enfatiza Dionísio:

O termo *letramento* está aqui sendo empregado em sentido amplo, abrangendo as variedades terminológicas como *letramento científico*, *novo letramento*, *letramento visual*, *letramento midiático* etc. A noção de letramento como habilidade de ler e escrever não abrange todos os tipos de representação do conhecimento existente em nossa sociedade (DIONÍSIO, 2011, p. 137-138, grifo da autora).

Com o advento das novas tecnologias, uma pessoa é letrada quando atribui sentido a mensagens de diferentes fontes de linguagem, como também, produz e incorpora múltiplas fontes de linguagem. Como podemos ver, por exemplo, a tecnologia da escrita promoveu mudanças na vida das pessoas, modificando seu discurso e seu modo de pensar. E agora, com o surgimento da internet que amplia as formas de comunicações e possibilita o acesso à rápida informação, propiciando assim a inserção das tecnologias digitais, que nos permitem produzir, divulgar e compartilhar o conhecimento de forma ágil e simultânea.

Dessa forma, surgiu à necessidade de uma pedagogia pluralista com grande revolução no campo educacional através das TDIC e a crescente utilização massiva da *internet*. Com esse avanço tecnológico surgem novas formas de práticas letradas que abrangem aspectos sociais, econômicos e políticos, ocasionando, o surgimento de vários gêneros textuais no contexto digital. Nesse cenário desenvolveram-se novas ferramentas e suportes tecnológicos que, de acordo com Rojo (2012), passou a ser motivo de discussão no manifesto de pesquisadores dos letramentos em uma conferência do Grupo de Nova Londres (GNL), na cidade de *Connecticut* (EUA). O conceito de multiletramento surgiu a partir desse grupo de pesquisadores, ao publicar um manifesto intitulado *A pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos Multiletramentos – desenhando futuros sociais”).

O GNL afirmava que as escolas teriam que ter uma pedagogia adequada aos novos letramentos que estavam surgindo na sociedade moderna. Além disso, o grupo defendeu a necessidade de dar conta das grandes diversidades culturais existentes nas salas de aulas, não só pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICS), mas, sobretudo, para evitar a intolerância com as diversidades culturais. Em vistas disso, torna-se essencial uma pedagogia dos multiletramentos na escola, que leve em conta “a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2012, p. 13).

Segundo aponta Rojo (2012), o GNL já se questionava, ao aprimorar os estudos em favor dos progressos sociais, através de um modelo de educação que assegurasse mulheres, indígenas, imigrantes, os quais discursavam a língua nacional, e também para usuários de outras línguas que não eram padrão. Diante do exposto. A pesquisadora diz que:

O Grupo de Nova Londres é pioneiro: em sua grande maioria originários de países em que o conflito cultural se apresenta escancaradamente em lutas entre gangues, massacres de rua, perseguições e intolerância, seus membros indicavam que o não tratamento dessas questões em sala de aula contribuía para o aumento da violência social e para a falta de futuro da juventude.

Além disso, o GNL também apontava para o fato de que essa juventude – nossos alunos – contava já há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico. Para abranger esses dois “multi” – a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa, o grupo cunhou um termo ou conceito novo: **multiletramentos** (ROJO, 2012, p. 12-13, grifo da autora).

De acordo com a pesquisadora, o conceito de multiletramento pode ser entendido como a multiplicidade cultural que origina gêneros híbridos de diferentes letramentos e a multiplicidade semiótica de formação dos textos. Ainda segundo a estudiosa, as multimodalidades ou multissemioses relacionam-se também às formas de linguagem não verbal, como imagens, animações, sons, escrita, entre outros, o que as torna multimodal.

A partir do que a estudiosa discute, é possível começarmos a entender como se deram e em que consistem os multiletramentos, visto que as novas TICS são as responsáveis pela admissão do conhecimento em função do progresso social, que necessita se agregar mais fielmente ao contexto da educação de modo que abranjam (dê visão) aos aspectos multiculturais (variedades de culturas) e multimodais (variedades de gêneros e textos) um tanto novos no que se refere à informação e à comunicação.

A inserção da cultura digital e do multiletramento no currículo escolar contribui também para o processo de criatividade dos alunos, pois estes, a partir de algo já existente, a exemplo dos textos escritos, conseguem atribuir outras ferramentas, criando novos sentidos, bem como outros gêneros. Enfim, são infinitas as possibilidades de criação por meio das TDIC. A palavra “multiletramento” no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos como também no que se refere à diversidade de linguagem que os constituem. Rojo (2012, p. 23), diz que os estudos são unânimes em apontar as seguintes características:

- (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- (c) eles são híbridos, fronteirios, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Essa visão de expansão de ensino visto em Rojo (2012), também se faz presente no que, a BNCC (2018) postula, ao contemplar que, além do texto escrito, são consideradas as

imagens estáticas e em movimento, bem como os sons presentes em diversos gêneros digitais. O citado documento propõe a reflexão, em sala de aula, sobre as transformações que vêm ocorrendo devido às novas TDIC, tal como o uso do hipertexto e hipermissão. Além disso, afirmam que com o surgimento da *web 2.0*, surgem inúmeros gêneros discursivos e várias possibilidades de linguagens, próprias da cultura digital, proporcionando, dessa forma, outras maneiras de comunicação e de compartilhamento de conteúdos, expandindo assim a capacidade de participação efetiva neste contexto das tecnologias.

Já não se vê mais, portanto, uma dinâmica de ensino pautada nos interesses ativos, de modo individual, pois é preciso pensar, agora, e vem sendo discutido em pesquisas bem atuais, a condição do homem interativo e não somente ativo-participativo, sobretudo, também, refletindo as questões de conflito que caracterizam e desconstruem o preconceito em relação ao novo.

Nas escolas, há uma necessidade de se remodelar as práticas escolares que não dão margem ao conhecimento dos alunos no que se refere às TICS. Crianças e jovens trazem consigo uma bagagem de opções que possibilitam a inovação do saber, dando margem a novas criações de gêneros do discurso presentes na sociedade atual.

Nessa lógica, Rojo (2012, p. 16, grifo da autora) fala sobre a exigência de se implantar uma "[...] **nova ética e novas estéticas** para o ensino-aprendizagem, nova ética esta que já não se preocupe tanto com a legalidade de direitos de autores", visto que a *web* é um mundo de livre acesso, e uma nova estética que pode mesclar os gostos diante da multiplicidade de modelos (textos/gêneros) tecnológicos, do ponto de vista da socialização, da interação e da comunicação massiva.

Para tanto, nessa perspectiva, com o surgimento das mídias digitais, infere sobre a importância de se começar a pensar um ensino baseado no que há de novo, o que há de "multi", na lógica dos letramentos, seguindo a contemporaneidade no que diz respeito aos processos de criação e inovação. Os *hipertextos* são as multimodalidades de textos dispersos na *Internet*, e as *hipermídias*, são os veículos pelos quais os textos circulam na *web*.

Dessa forma, o documento mais recente que norteia a educação a BNCC (2018), contempla a cultura digital, em diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermissão. Da mesma maneira, aborda os multiletramentos, considerando, a diversidade cultural, contemplando o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente.

Ainda, para este documento, encontramos uma diversidade nas práticas de linguagem contemporâneas que, não só envolvem gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, mas também novas formas de elaborar e inter-relacionar-se com o meio midiático. Essas novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, possibilitam a criação de textos multissemióticos através da internet que é antiautoritária, pois, o acesso e alimentação de informações são para todos.

Portanto, materializado ou digitalizado, no contexto da (multi)mídia e da informação, o texto tem ganhado proporções gigantescas nos processos de aquisição do conhecimento. São aceitações efetivamente produtoras e construtoras do saber pelas quais, notadas em pesquisas sistematizadas, a cognição tem se desenvolvido mais efetivamente com essa perspectiva de se utilizar os textos na medida em que se inovam as atividades linguístico-interativas, visto que o homem moderno é produtor de linguagens. Portanto, é a partir do texto, sendo em mídia digital ou material, que a aprendizagem se dá, pois a língua é produto do homem e as linguagens sistematizam a comunicação, seja instrumentalizado por discursos orais ou escrito, verbal ou não verbal, mas que abarquem o contexto multimidiático.

2.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO

É impressionante o crescente número, significativo, de estudos sobre os gêneros textuais que estamos vivenciando nos dias atuais, como objeto de ensino nas práticas sociais de nossos alunos.

Não sendo algo novo, os estudos dos gêneros textuais, de acordo com Marcuschi (2008), iniciou-se em Platão, pelo menos há vinte e cinco séculos, e só hoje temos uma melhor visão do que vêm a ser os gêneros, graças aos muitos estudiosos de diversas áreas interessados pelo assunto. Vejamos o que diz o autor:

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos (gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e Modernidade, até os primórdios do século XX. Atualmente, a noção de *gênero* já não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990: 33), ao dizer “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distinta de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem apropriações literárias” (MARCUSCHI, 2008, p. 147, grifo do autor).

De acordo com o autor, hoje o estudo sobre os gêneros textuais está em alta, diferente da visão apresentado por Aristóteles na cultura greco-romana, que era voltada somente para os gêneros do discurso, devido ao contexto da época ser diferente. Desde tempos remotos, na época pré-cristã existiam assembleias democráticas gregas, em que ocorriam lutas pelo poder no qual vencia aquele que conseguisse derrotar o adversário pelo poder da palavra, do discurso. Nestes discursos, eram os sofistas que exerciam total domínio e prestígio por ensinar a arte de argumentar (retórica). Através dos seus ensinamentos, os homens mais ambiciosos tinham a chance de alcançar seus objetivos de poder, utilizando a palavra para persuadir e diminuir o adversário, enaltecendo a si próprio. Conseqüentemente os sofistas contrapondo-se aos socráticos eram importantes porque ocupavam um alto cargo na cidade, pois eram aqueles que sabiam falar com astúcia em público, nas assembleias e nos tribunais.

Contrário à posição dos sofistas que vendiam seu saber, Aristóteles via a retórica como uma forma de buscar a verdade, a essência, e com isso trouxe muitas contribuições partindo do estudo sobre os processos persuasivos, advindos de cada situação comunicativa, apresentando três gêneros discursivos sobre estratégias e estruturas desenvolvidas na Idade Média: o judiciário, o deliberativo e o demonstrativo. Como assim está apresentado no esquema de Reboul (1998).

Figura1- Os três gêneros do discurso segundo Aristóteles – Esquema de Olivier Reboul

	<i>Auditório</i>	<i>Tempo</i>	<i>Ato</i>	<i>Valores</i>	<i>Argumento-tipo</i>
Judiciário	Juizes	Passado (fatos por julgar)	Acusar Defender	Justo Injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Assembléia	Futuro	Aconselhar Desaconselhar	Útil Nocivo	Exemplo (indutivo)
Epidíctico	Espectador	Presente	Louvar Censurar	Nobre Vil	Amplificação

Fonte: Reboul (1998, p. 47).

Certamente, nos dias de hoje existem um incalculável número de gêneros de caráter mediador e organizador do uso que fazemos da linguagem em nosso cotidiano, nas mais diversas formas de comunicação. Todos os usos da fala se moldam às formas dos gêneros e reconhecem os gêneros nos usos sociais. Para defendermos os gêneros “podemos dizer que os gêneros são uma *‘forma de ação social’* eles são um *‘artefato cultural’* importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade” (CAROLYN MILLER,

1984 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 149, grifo do autor).

Em estudos mais contemporâneos, a grande contribuição para o avanço dos estudos dos gêneros partiu de Bakthin (1979) que se opunha às concepções da época e defendia que toda forma de interação humana acontece mediante os gêneros discursivos, ou seja, o falante está sempre fazendo uso de algum gênero para sua comunicação. Para Bakthin (1979, p. 262), os gêneros são entendidos como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”, pois se estruturam a partir de três aspectos, a saber: conteúdo, estilo e estrutura composicional. Isso quer dizer que todo gênero possui uma seleção de tema, um estilo verbal que lhe é próprio ou mais adequado e uma estrutura mais ou menos definida e que é reconhecida socialmente.

Seguramente, os novos gêneros são descendentes de outros gêneros já existentes. Notado já em Bakthin (1979), que falava na “transmutação” dos gêneros, em que um gênero se assimilaria a outros gêneros surgindo um novo gênero.

Por isso a necessidade do professor estar sempre atento à realidade que o cerca, reconhecendo os gêneros que circulam em seu meio para então trocar experiências com os alunos, compreendendo os gêneros em diversos contextos, percebendo seu propósito comunicativo, condições de produção, etc., tendo dessa forma domínio do gênero como instrumento de ação social.

A linguagem, entendida como mediadora, é resultante de manifestações socioculturais situadas que vêm se modificando, por isso, os jovens têm utilizado novas formas de interação social ao envolver-se com os mais variados gêneros textuais. Para isso, os gêneros precisam ser ensinados como objeto de ensino-aprendizagem na perspectiva de que eles serão inseridos e vistos como significado social e cultural. Diante desse contexto, é papel da escola proporcionar as condições necessárias para que os alunos possam desenvolver, de forma sistemática, suas competências e habilidades. Para isso, o PCN (1997), em uma abordagem de ensino aprendizagem, orienta os professores a usar o gênero como objeto de ensino presente na vida social do aluno e as formas de interação que eles dominam no dia a dia.

O componente de LP da BNCC (2018) com o advento das TDIC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos, nas últimas décadas, buscando modernizá-lo em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século. A BNCC (2018) assume o mesmo ponto de vista enunciativo-discursivo de linguagem, já assumida nos PCN (1997, p. 20), em que a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história”.

É importante ressaltar que, ainda há um olhar reducionista por parte de muitos professores, no que se refere à aplicabilidade do texto em sala de aula, independente do gênero que o mesmo pertence. O trabalho com os gêneros deve oferecer respostas satisfatórias aos professores e alunos, proporcionando dinamicidade e eficiência. Nesse caso, é fundamental compreender que os gêneros textuais possuem função social, por isso se faz necessário uma prática de ensino sistematizada sobre eles, a fim de trabalhar em sala de aula sua importância.

Segundo Marcuschi (2008, p. 155), a respeito dos gêneros textuais:

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Dessa forma, o uso da língua acontece por meio de enunciados que, segundo Bakhtin (2003) é individual e único. A respeito dos enunciados o autor cita que:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos (BAKTIN, 2003, p. 268).

Desse modo, é de grande importância o papel do professor enquanto mediador, pois é preciso obter recursos e conhecimento amplo e moderno do que ensinar e como ensinar, sendo os diversos gêneros textuais os recursos para se trabalhar nas aulas de LP de maneira contextualizada, facilitando a aprendizagem dos alunos. Os gêneros textuais ocorrem constantemente na sociedade, e são através deles que os indivíduos fazem parte do contexto social, seja de maneira histórica, na linguagem, como também através dos gêneros da hipermodernidade, por meio das mídias digitais. Sendo assim, a BNCC (2018) propõe em relação aos textos:

[...] a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. [...]. Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a

participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 67).

Para isso, é necessário ter muita clareza e planejar as aulas embasadas em bons, teóricos que sejam relevantes para aprendizagem dos textos dos mais diversos gêneros, a fim de que, de fato orientemos os alunos para a distinção e usos da dinamicidade, do poder e a utilidade dos gêneros nas práticas sociais de linguagem.

Antunes (2003) enfatiza que o estudo da LP desde o Ensino Fundamental ainda acontece de maneira reducionista por meio de práticas pedagógicas que revelam estudos realizados de forma descontextualizados através de palavras e frases. No entanto, é evidente que se precisam desenvolver reorientações de práticas, que venham a ser sistematizadas e planejadas, pois, o ensino da Língua não tem como único objetivo ensinar aos alunos um conjunto de regras que devem ser decoradas. O ensino da língua materna vai muito além dessa proposta tradicionalista.

Com base nesse pressuposto, devemos inserir os alunos nessa perspectiva que objetiva desenvolver sua comunicação e interação social, ao invés de apenas decorar regras gramaticais que, por muitas vezes, são jogadas sem contexto algum, e por esse motivo os alunos não conseguem aplicar, em seu dia a dia, o que acaba transformando o ensino desmotivador, cansativo e sem sentido.

Os PCN do Ensino Fundamental da LP sobre a manifestação do texto e sua organização dentro de um gênero:

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. Os gêneros são determinados historicamente (BRASIL, 1997, p. 26).

Desta forma, é importante que se trabalhe com a organização textual, de modo a garantir uma produção de textos articulados e contextualizados, pois, mais do que levar o aluno a compreender as características formais que estruturam os gêneros textuais, devemos criar meios para reflexão sobre as práticas sociais em que os gêneros se inserem e os discursos que neles circulam. Portanto, os gêneros textuais são práticas textuais, vinculados à vida

social, entidades sócio-discursivas e formas de ação social que fazem parte da situação comunicativa. Esses surgem lado a lado às necessidades interacionais que os sujeitos necessitam para comunicar-se. Nesse sentido, há, constantemente, uma explosão de gêneros.

Desse modo, o trabalho dos professores com os gêneros presentes na sociedade podem tornar as aulas muito mais interessantes e significativas, ao desenvolver nos alunos suas competências e contribuir para que eles, de certa forma, sejam preparados para fazer o uso da comunicação nas muitas esferas de comunicação humana que se constituem na interação social. Portanto, o docente deve preparar o aluno a ter domínio do gênero, exatamente como este funciona nas práticas de uso efetivo da linguagem, concentrado na contextualização e propósitos comunicativos, materializados nos gêneros textuais presentes na vida cotidiana.

Marcuschi (2008) explica que os gêneros fazem parte da nossa vida diária, e que é uma forma textual escrita ou oral que circula em todas as esferas da atividade humana denominado de “domínios discursivos” (p. 155). O domínio discursivo tem como objetivo construir conhecimento, por isso, ao ingressar na escola, os alunos encontrarão gêneros que servirão as suas necessidades de estudante dentro da instituição como no meio social, como afirma o autor:

Usamos a expressão domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.. Já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas (MARCHUSCHI, 2010, p. 24).

Os livros didáticos são instrumentos que orientam os professores na tarefa de gerar possibilidades, para que os alunos se apropriem de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações reais. Isso exige um grande esforço intelectual por parte dos professores, rompendo com a clássica tradição que há lacunas nas propostas de atividades de produção que precisam ser preenchidas. Nesse contexto, o professor deve envolver os alunos efetivamente na organização e execução das tarefas.

Fica evidente que a interação verbal não é dada por meio de palavras soltas ou frases isoladas, mas através de textos, ou seja, gêneros textuais, pois para cada tipo de interação precisamos utilizar um gênero específico e não uma tipologia.

Dessa forma, cabe à escola e aos professores verem a importância dessa abordagem para que o ensino da língua saia da prática redacional e englobe os gêneros textuais para que esse ensino surta efeito positivo na aprendizagem dos alunos e no uso concreto da língua nos mais variados contextos social.

A seguir veremos a sistematização do trabalho com a oralidade em sala de aula, em que queremos destacar a importância do trabalho com a oralidade em sala de aula.

2.3.1 A sistematização do trabalho com a oralidade

Ao ingressar no meio escolar, os alunos já carregam consigo competências discursivas e linguísticas que utilizam nos contextos comunicativos informais, coloquiais e familiares. A modalidade oral da língua se dá predominantemente no cotidiano, mais especificamente no ambiente de convívio social no momento em que acontece a comunicação. Segundo, Marcuschi (2010, p. 25) “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso”. Dessa forma, o ensino com a modalidade oral não é compreendido como sendo somente responsabilidade da escola, pois a criança ao ingressar na instituição, já sabe falar.

Para o estudioso os gêneros textuais falados é uma área onde os estudos não são abundantes e bem menos sistemáticos que os gêneros textuais escritos. Infelizmente, é o que vemos nos dias de hoje, mesmo com os avanços dos estudos sobre os gêneros orais, continua sendo um trabalho em que o ensino educacional prioriza a escrita.

A BNCC sobre o eixo da oralidade aponta as seguintes situações em que ocorrem nas práticas de linguagem oral:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p. 78-79).

Dessa forma competem aos professores à responsabilidade de preparar os alunos para realizar as diferentes competências linguístico-discursivas dentro e fora da sala de aula, competências para resolver problemas em situações adequadas em diferentes práticas que utilizam a escrita e a oralidade nas variadas situações comunicativas, inserindo-as nas diversas esferas de interação verbal. É por meio da linguagem que nos comunicamos e interagimos com as pessoas. Na instituição escola, interagimos o tempo todo com professores, com o pessoal administrativo, pais e principalmente com os alunos, que são o motivo da existência da escola.

Sendo assim, o planejamento das atividades realizadas pelo professor, para o trabalho em sala de aula, faz com que o mesmo identifique o caráter interacional das práticas sociais de oralidade e letramento através de sua realização em diferentes gêneros (orais ou escritos). Com isso, é possível propiciar a troca de percepções dos alunos estimulando e ampliando seus conhecimentos, pois é através da aprendizagem, nas relações com o outro, que se constroem os conhecimentos. Os PCN (BRASIL, 1997, p. 24) do Ensino Fundamental de LP sugerem que:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. Mas, se o que se busca é que o aluno seja um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania, crer que essa interação dialogal que ocorre durante as aulas dê conta das múltiplas exigências que os gêneros do oral colocam, principalmente em instâncias públicas, é um engano. Ainda que o espaço da sala de aula não seja um espaço privado, é um espaço público diferenciado: não implica, necessariamente, a interação com interlocutores que possam não compartilhar as mesmas referências (valores, conhecimento de mundo).

Para isso, o professor precisa ter uma base teórica atualizada para inovar e orientar suas práticas pedagógicas que lhes dêem subsídios para promover oportunidades aos alunos de reconhecimento e utilização dos gêneros que circulam na sociedade. Os PCN da LP (1997) prevêm e reconhecem os gêneros como objeto de ensino e que a aprendizagem acontece por meio da diversidade de textos. Ainda, de acordo com o documento é no espaço escolar que a atividade discursiva, reveste-se de maior importância, pois é na “prática de reflexão sobre a língua e a linguagem que pode se oferecer a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diversas situações de interação” (BRASIL, 1997, p. 34).

Para entender melhor o universo da Oralidade se faz necessário apoiarmos ao letramento. Marcuschi enfatiza a respeito do letramento:

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa da forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita (MARCUSCHI, 2010, p. 25).

Assim, podemos considerar que tanto a fala como a escrita são práticas importantes da língua, pois cada uma possui suas próprias características. “Considerava-se a relação oralidade e escrita como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais” (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

Baseado nos PCN da LP (1997) a escola, é um espaço de aprendizagem e acesso ao conhecimento, por isso é necessário uma revisão das práticas em relação ao ensino que não distancie a escrita da oralidade. Para tanto a escola deve viabilizar o acesso do aluno por meio dos textos, nos vários contextos, nas multiplicidades de gêneros e nos diferentes suportes que circulam socialmente.

De acordo com Antunes (2003), ainda existe e persiste, por parte dos professores, uma prática pedagógica muito limitada e fechada, fundamentada nela mesma, ou seja, prática essa que consiste em desenvolver o aprendizado de LP limitada à codificação e decodificação de palavras de formas descontextualizadas. Esse ensino rompe com a ideia de formar cidadãos ativos e interativos na sociedade, ocasionando um desvinculo do aluno com o seu compromisso social.

Embora a oralidade e a escrita tenham as suas particularidades, não existem grandes oposições que sejam capazes de considerá-las como dois sistemas linguísticos diferentes, porque uma e outra servem à interação verbal, sob a forma de variados gêneros, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica (ANTUNES, 2003).

Vale ressaltarmos que o aluno é um produto do meio em que vive e, por sua vez, possui sua cultura, diferentes letramentos, e tudo isso precisa ser respeitado. Os PCN da LP (BRASIL, 1996), afirmam também que, a escola deve responder as exigências da sociedade, transformando o perfil social e cultural do alunado, respeitando e não desprezando os seus conhecimentos prévios. Para os documentos “o domínio da língua tem estreita relação com a

possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende ponto de vista, partilha visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 23). Sendo assim, é função da escola promover conhecimento, principalmente nas comunidades onde menor for o grau de letramento em que os alunos moram.

Enfim, hoje, no mundo globalizado se faz necessário que os indivíduos estejam preparados para o mercado de trabalho, pois a participação no meio público exige bastante competência através da linguagem tanto escrita como da oral. No que se referem à oralidade, as instituições sociais fazem diferentes usos como: a linguagem de um político, um professor, um vendedor, um locutor de futebol, enfim todos fazem o uso da fala para expressar diferentes registros em diferentes práticas sociais. Dessa forma, é papel da escola trabalhar não somente a escrita com seus alunos, mas também a linguagem oral, de forma que esses adquiram a competência nas variadas situações comunicativas vivida em seu cotidiano.

2.3.1.1 O Gênero Entrevista

Certamente já lemos muitas entrevistas, como também ouvimos e assistimos a muitas delas. No entanto, talvez não despertamos para o processo de como acontece a efetivação desse gênero jornalístico no nosso meio comunicativo. Os gêneros jornalísticos fazem parte da vida das pessoas, de forma escrita ou falada, trazem informações importantes ou não, colocam o ouvinte ou leitor em atenção com a sociedade em que está inserido. Sobre o gênero entrevista a definição dada por Scheneuwly e Dolz (2004) é a seguinte:

A entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado). Uma entrevista consiste, então, em fazer falar essa pessoa *expert* a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros, que representam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações (SCHENEUWLY e DOLZ, 2004, p. 73).

A entrevista surgiu do interacionismo sociodiscursivo, em que a linguagem é um atributo fundamental da atividade social, que tem como maior função ser comunicativa. Esta é um gênero jornalístico, em que uma pessoa de destaque fala de sua vida pessoal ou profissional e dá sua opinião sobre certos assuntos. O gênero textual entrevista é visto

também, como "uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos. Assim, teríamos, por exemplo, entrevista jornalística, entrevista médica, entrevista científica, entrevista de emprego, etc." (HOFFNAGEL, 2010, p. 196). Contrariamente, a uma conversa comum, a entrevista tem uma estrutura composicional adequada a um evento específico, como também, estilo e propósito diversificado. Assim, as possíveis semelhanças que os eventos dos subgêneros da entrevista parecem ter em comum, são estruturas marcadas por perguntas e respostas, cujo propósito é responder às expectativas do destinatário.

Com base em Marconi e Lakatos (2010), a entrevista tem o propósito de obter as informações sobre um determinado assunto ou problema de um entrevistado. A respeito disso, as autoras, baseando-se em Seltiz (1965, 286-295 *apud* MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 179, grifo da autora) apresentam seis tipos relevantes de objetivos que são:

- a) **Averiguação de “fatos”**. Descobrir se as pessoas que estão de posse de certas informações são capazes de compreendê-las.
- b) **Determinação das opiniões sobre os “fatos”**. Conhecer o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam.
- c) **Determinação de sentimentos**. Compreender a conduta de alguém através de seus sentimentos e anseios.
- d) **Descoberta de planos de ação**. Descobrir, por meio das definições individuais dadas, qual a conduta adequada em determinadas situações, a fim de prever qual seria a sua.
As definições adequadas da ação apresentam em geral dois componentes: os padrões éticos do que deveria ter sido feito e considerações práticas do que é possível fazer.
- e) **Conduta atual ou do passado**. Inferir que conduta a pessoa terá no futuro, conhecendo a maneira pela qual ela se comportou no passado ou se comporta no presente, em determinadas situações.
- f) **Motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas**. Descobrir quais fatores pode influenciar as opiniões, sentimentos e conduta e por quê.

Como foi dito acima, vários são os objetivos que fundamentam a entrevista. Esse é um gênero primordialmente oral, que se realiza face a face e é composto, pelo menos, por dois indivíduos, em que ambos desempenham um papel específico. Como cita Scheneuwly e Dolz (2004), a entrevista é considerada, por muitos autores, como uma prática de linguagem bem planejada e que necessita de normas específicas dos interlocutores. Ainda, com base nas autoras, a entrevista acontece como um jogo de papéis em que o entrevistador abre e fecha a entrevista com perguntas de acordo com as informações e objetivos desejados. Portanto é ele, aquele que organiza e orienta os entrevistados durante as falas. Já o entrevistado é o responsável pelas respostas das informações solicitadas pelo entrevistador. No caso de haver

mais de um entrevistado, no momento, continua havendo dois papéis, o de entrevistador e entrevistado.

Vale ressaltarmos que, em uma entrevista para se obter as informações desejadas, é indispensável que o gênero esteja adequado à sua estrutura composicional, pois cada gênero possui um propósito, por parte do entrevistador, para sua realização e dos seus fins.

Assim, por exemplo, em uma entrevista médica, as perguntas do médico serão adequadas ao sujeito entrevistado que servirão não para o público, mas para explicar um problema de saúde. Somando ao que já foi dito, as autoras Marconi e Lakatos (2010) pontuam diversas estruturas dos gêneros entrevistas:

a) Padronizada ou Estruturada. É aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. [...]

O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, de alterar a ordem dos tópicos ou de fazer outras perguntas.

b) Despadronizada ou não-estruturada. O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

Esse tipo de entrevista, segundo Ander-Egg (1978:110), apresenta três modalidades:

- **Entrevista focalizada.** Há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, (sic) dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal [...]

- **Entrevista clínica.** Trata-se de estudar os motivos, os sentimentos, a conduta das pessoas. Para esse tipo de entrevista pode ser organizada uma série de perguntas específicas.

- **Não dirigida.** Há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder.

c) Painel. Consiste na repetição de perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as respostas com essas repetições (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 180).

Dessa forma, o gênero entrevista faz com que o entrevistador molde as perguntas de acordo com os envolvidos, sendo a entrevista um instrumento de trabalho que pode ser utilizado nos vários campos sociais ou de outros setores de atividades humanas comuns. Assim, o gênero apresenta técnicas para coleta dos dados, com base nas vantagens e desvantagens ao longo de uma entrevista, no momento em que acontece. As estudiosas, Marconi e Lakatos (2010), destacam que as vantagens são de que, na entrevista os indivíduos

entrevistados podem ser de qualquer nível intelectual: analfabetos ou alfabetizados; há flexibilização por parte do entrevistador, podendo adequar-se e esclarecer perguntas para ser bem compreendido pelo entrevistado; avaliam atitudes, condutas do entrevistado para garantir o que diz e como diz; obter informações inéditas que não estão documentadas e que contribui de maneira significativa; comprovar ou discordar através de comparações informações que são tidas precisas e os dados coletados podem servir como dados quantitativos e estatísticos.

Ainda, de acordo com as autoras, no que se referem às desvantagens da entrevista, estas acontecem em qualquer situação, mas que podem ser superadas ou minimizadas se o entrevistador possuir experiência e bom humor para contornar o problema. Exemplos desses possíveis acontecimentos desagradáveis podem ser: dificuldade de entendimento de ambas as partes; falta de compreensão por parte do informante, de não saber o significado das perguntas, não compreender as ideias; possibilidade de o entrevistado ser influenciado por determinado assunto de forma consciente ou inconscientemente; disposição do entrevistado; receio do entrevistado de dar informações importantes que afete e revele sua identidade e pouco tempo para realizar a entrevista.

Nesse sentido percebemos que, a entrevista necessita de uma boa formulação, pois além de ser importante para o entendimento dos envolvidos, também deve ser pensada para audiência, em que os ouvintes espectadores e leitores precisam compreender as informações apresentadas.

Assim, de acordo com Hoffnagel (2010), para a concretização e propagação da entrevista, a mídia é o principal meio de circulação desse gênero, como também de outros gêneros que mantêm forte ligação com o universo da mídia. Essa realidade é vista através da entrevista oral, por meio das entrevistas de jornais e ao vivo, nos programas de televisão e rádio. Além disso, ela está disponível nas publicações de jornais e revistas que também foram realizadas oralmente e transcrita para publicação. A escrita para esses suportes são marcadas na forma de diálogo, ou seja, através da troca de turnos entre os envolvidos.

Nesse contexto, para que a entrevista obtenha o êxito desejável, são necessárias etapas importantes que requerem tempo e ideias, como também informações do entrevistado. Marconi e Lakatos (2010) listam algumas medidas pertinentes para êxito da entrevista:

- a) Planejamento da entrevista: deve ter em vista o objetivo a ser alcançado.
- b) Conhecimento prévio do entrevistado: objetiva conhecer o grau de familiaridade dele com o assunto.
- c) Oportunidade da entrevista: marcar com antecedência a hora e o local, para assegurar-se de que será recebido.

- d) Condições favoráveis: garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade.
- e) Contato com líderes: espera-se obter maior entrosamento com o entrevistado e maior variabilidade de informações.
- f) Conhecimento prévio do campo: evita desencontros e perda de tempo.
- g) Preparação específica: organizar roteiro ou formulário com as questões importantes (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 182).

Dessa forma, é possível pensarmos qual o tratamento a ser dado ao público-alvo, e qual a linguagem adequada ao entrevistado. Nas entrevistas com autoridades ou especialistas, a linguagem é mais formal, enquanto que, uma entrevista dirigida a um jovem ou adolescente, a linguagem é mais coloquial. A partir disso, ao conhecermos o público específico é possível efetivarmos um trabalho com objetivo e clareza. Ainda as autoras, apresentam também, normas relevantes para uma entrevista, que ajuda a obter informações relevantes e destaca que a entrevista é uma arte, que com o tempo adquire experiências que cada vez mais exige habilidade e sensibilidade. Ao papel de entrevistador é primordial a afetividade e confiança com o entrevistado, atitude capaz de conseguir informações que antes seriam impossíveis ser retiradas do informante.

Nessa lógica, as normas abordadas por Marconi e Lakatos (2010) são essenciais para o sucesso da entrevista. Estas são: **contato inicial** – o pesquisador deve entrar em contato com o informante, estabelecendo um vínculo de cordialidade e expor seus objetivos, como também ressaltar a importância da colaboração do entrevistado. Para isso é importante assegurar ao entrevistado um ambiente agradável e de confidencialidade das informações. Ao entrevistador o papel principal é ouvir e manter o controle da entrevista.

Outro ponto que caracteriza uma boa entrevista está na **formulação de perguntas** - que devem ser de acordo com gênero entrevista. Além disso, destacam-se os **registros de respostas** – em que essas devem ser anotadas ou gravadas, assegurando a fidelidade das informações. A anotação posterior pode provocar distorção das ideias, ou falta de memória para lembrar-se de alguma coisa, pois numa entrevista os registros devem ser tais quais as palavras do entrevistado.

É fundamental o **término da entrevista** – seguindo o mesmo padrão do início, a entrevista deve ser finalizada com cordialidade para que haja sempre uma boa interação entre os sujeitos envolvidos.

Por conseguinte, Lodi (12: 9 *apud* MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 183) apresenta **requisitos importantes** – para atender as necessidades da entrevista que são:

- **Validade.** Comparação com a fonte externa, com a de outro entrevistador, observando as dúvidas, incertezas e hesitações demonstradas pelo entrevistado.

- **Relevância.** Importância em relação aos objetivos da pesquisa.
- **Especificidade e Clareza.** Referência a dados, data, nomes, lugares, quantidade, porcentagens, prazos etc., com objetividade. A clareza dos termos colabora na especificidade.
- **Profundidade.** Está relacionada com os sentimentos, pensamentos e lembranças do entrevistado, sua intensidade e intimidade.
- **Extensão.** Amplitude da resposta.

Conforme citado, para um bom desempenho na realização de uma entrevista, seja nos veículos de comunicação que podem ser pelo rádio ou televisão, de forma presencial, ou seja, ao vivo, através de entrevistas que são transcritas para a linguagem escrita, como é o caso da ocorrência em jornais impressos ou revistas, é de suma importância a utilização de todos os critérios e planejamento. Há sempre uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, cujo objetivo desses é relatar suas experiências e conhecimentos acerca de um determinado assunto, de acordo com os questionamentos previamente elaborados, porque uma informação precisa chegar com objetividade e clareza para um determinado público-alvo.

Depois de descrito características e funções do gênero entrevista, no próximo capítulo apresentaremos uma proposta de intervenção pedagógica, a partir deste gênero, a ser apresentada a professores de 9º ano do Ensino Fundamental II. Dessa forma, trataremos como o gênero entrevista pode ser explorado, em sala de aula, de forma sistemática, por meio de uma sequência didática que possibilite a compreensão crítica desse gênero discursivo, ao qual lidamos no nosso cotidiano.

3 O GÊNERO ENTREVISTA NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA DOCENTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

É impossível hoje o uso da língua sem o uso dos gêneros textuais, pois eles estão situados e integrados nas mais diversas funções comunicativas, como podemos confirmar quando Bronckart (1999:103 *apud* Marcuschi, 2010, p. 31) afirma que:

a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que permite dizer que os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual.

Pensando no uso dos gêneros para o ensino-aprendizagem, em sala de aula, evidenciamos que todo gênero, em especial o gênero entrevista, quando bem aplicados são instrumentos que garantem conhecimentos.

A fim de construirmos, de maneira sustentável a aprendizagem dos alunos, apresentamos aqui, uma proposta metodológica, em forma de sequência didática com o gênero entrevista para docentes do 9º ano do Ensino Fundamental II. O objetivo é contribuir com a prática docente, a garantir o uso das práticas sociais dos alunos em sala de aula, por meio de gêneros orais e escritos na perspectiva dos multiletramentos, em especial a oralidade, ainda pouco desenvolvida em sala de aula.

DADOS DAS AULAS:

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

MODALIDADE: Ensino fundamental II

TURMA: 9º Ano

EIXO TEMÁTICO: Oralidade e escrita.

CONTEÚDO: O gênero entrevista na perspectiva dos multiletramentos.

DURAÇÃO DAS ATIVIDADES: 12 h/aulas.

RECURSOS DA AULA:

Exemplos do gênero textual entrevista (revistas, jornais, vídeos);

Notebook;

Pen drive;

Data show;

Filme **Escola da Vida**;

Blog da turma ou escola;

Câmera digital, filmadora ou celular com câmera;

Gravador, MP3 ou MP4.

Quadro;

Folha de papel A4.

OBJETIVOS:

GERAL

O objetivo é contribuir com a metodologia do professor, de forma a garantir o uso das práticas sociais dos alunos em sala de aula, por meio de atividades sistematizadas com os gêneros textuais, na perspectiva dos multiletramentos.

ESPECÍFICOS

- ✓ Conhecer a estrutura composicional do gênero textual entrevista;
- ✓ Realizar entrevistas com diferentes profissionais;
- ✓ Escrever textos, obedecendo às especificidades do gênero entrevista, como também, trabalhar no texto a língua formal e informal.

1º MOMENTO (3 AULAS)

As primeiras aulas foram planejadas para serem introduzidas por meio do diálogo do professor com os alunos. Para isso distribuiremos a sala em círculo, permitindo que os discentes fiquem à vontade e consigam manter contato visual com o(a) professor(a) e com toda a turma. Iniciaremos explicando que conhecerão um tipo de texto muito importante e que serve para coletar dados, o gênero textual **entrevista**. Questionamentos poderão ser realizados com a pretensão de resgatar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a entrevista, como por exemplo: Pra que serve uma entrevista? Você já assistiu ou leu alguma entrevista? O que é uma entrevista?

Neste momento é importante que uma explicação seja feita a respeito desse gênero textual. Logo depois, o professor deve apresentar aos alunos as características de uma entrevista, bem como sua finalidade. Exemplos de material impresso poderão servir para explicar as estruturas do gênero como também vídeos curtos a serem comparados entre uma entrevista oral e o escrito, como também os níveis de formalidade das perguntas destinadas ao ser entrevistado. É importante deixar claro que, os alunos não estão obrigados a concordar com as entrevistas apresentadas em sala de aula, podendo ter opiniões diferentes.

Depois disso, podem ser formados grupos de três alunos para que pesquisem em sites de busca, alguma entrevista que pode ser encontrado em vídeo, jornal e/ou revista *on line*. Em seguida, ao realizar a atividade, os grupos poderão fazer a leitura das entrevistas escolhidas e socializar com os demais sobre o tema abordado na entrevista. Depois disso, podem opinar sobre o conteúdo da mesma, mostrando-se favoráveis ou não ao assunto.

2º MOMENTO (5 AULAS)

A aula poderá ser iniciada com a exibição do vídeo **Escola da Vida (Dublado)**. Em seguida, o professor poderá solicitar aos alunos que relatem o que mais lhes chamou atenção no filme a respeito do papel do professor e seus posicionamentos a respeito dessa profissão.

Logo após poderá ser solicitado aos alunos que realizem uma entrevista junto aos moradores da comunidade, independente da profissão que eles exerçam. A entrevista deve ser formalizada com o entrevistado, marcando local e hora, mas antes disso deve ser preparado, com auxílio do professor, um roteiro com as perguntas. Nessa perspectiva, é necessário que o pesquisador conheça um pouco do entrevistado, formulando perguntas pertinentes à sua profissão, para que essa entrevista tenha sucesso.

Nesse momento o professor deve repartir os grupos de acordo com a necessidade da realização das entrevistas. Estes serão divididos da seguinte forma: o grupo de filmagens, poderá utilizar uma filmadora, câmera digital ou celular; o grupo de gravação se responsabiliza pela gravação de voz, utilizando um gravador, MP3, MP4, etc.; Por fim, o grupo responsável para fazer a transcrição da entrevista, e anotar em um papel e, em seguida, passar para o editor de textos por meio de um computador.

Para manter o contato com os alunos, a criação de um grupo no *WhatsApp* se faz necessária para uma maior interação, podendo o professor, mediar e orientar os alunos durante

os preparos da entrevista e esclarecer as dúvidas dos alunos fora da escola, por meio das conversas no aplicativo.

Realizada as entrevistas, o professor deve auxiliar aos alunos na edição das filmagens, como também na transcrição para o texto escrito, tal qual a fala do entrevistado. Além disso, é necessário trabalhar a norma culta da língua.

Figura 2 - Filme Escola da Vida



Fonte: <http://mensagens.culturamix.com/frases/a-escola-da-vida-um-filme-marcante>

3º MOMENTO (4 AULAS)

Nesse momento o professor deverá iniciar a aula com o relato dos alunos sobre as entrevistas realizadas e, em seguida apresentá-las para toda a turma com auxílio de um projetor de imagens. Realizada a exposição das entrevistas, estas poderão ser postadas no *blog* da turma ou escola.

Os demais alunos poderão fazer comentários sobre as entrevistas, justificar os fatos apresentados nas mesmas, bem como suas opiniões sobre elas. Caso esta seja a primeira vez que os alunos postam em um *blog*, é importante fazer uma apresentação, ou seja, dar algumas orientações sobre a postagem. Para isso, um projetor multimídia poderá ser utilizado, facilitando assim a visualização pelos alunos.

É importante destacar que deve ser explicado aos alunos que essa postagem deverá ser feita um grupo por vez, pois para inserir alguma informação no *blog* é necessário colocar

login e senha. Em seguida, deverá ser feita, uma ligeira, apresentação do *blog*, começando com a página inicial e com a atualização do perfil, etc. Feito isso, o professor deve informar aos alunos que para poder postar um conteúdo é necessário clicar em nova postagem. Ao clicar, ele será direcionado para uma nova página. Ao chegar nesta página, poderão inserir um título e o texto que desejam postar. Logo após essa inserção, terão que clicar em Publicar Postagem para que o texto seja publicado no *blog*.

Ainda, para finalizar as atividades, os textos transcritos na linguagem formal e informal da língua escritos pelos alunos devem ser anexados no mural da escola e apresentado em um evento escolar, onde acontecem as culminâncias das avaliações bimestrais dos alunos. Assim, os grupos responsáveis por cada texto apresentam suas produções, mostrando estrutura composicional do texto, a importância social do gênero como texto jornalístico e informativo para a comunicação social, e também, responder as indagações feitas pelo público escolar presente no momento.

AValiação

Para os critérios de avaliação o aluno deve demonstrar conhecimento sobre o gênero entrevista ao responder às expectativas do professor com relação às atividades realizadas em sala de aula. Entre os pontos a serem avaliados estão: se o uso das mídias digitais favoreceu e despertou interesse pela aprendizagem; a produção do gênero entrevista contribuiu para a produção, discussão e leitura com ou sem ajuda do professor; a atividade realizada com o gênero entrevista proporcionou atitudes favoráveis para a sua convivência social; Houve interação entre os grupos, respeitando as opiniões de cada um deles.

Em resumo, a avaliação acontecerá de forma contínua, em que o professor, além de considerar os pontos aqui citados, deve ter um olhar para todas as ações realizadas pelos alunos durante as atividades trabalhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras das teorias, apresentadas nesta pesquisa, mostraram que, o ensino de Língua Portuguesa ainda está muito centrado em práticas pedagógicas tradicionais que não contribuem para o desenvolvimento intelectual e participativo do aluno no meio social. Como solução a esta problemática, os teóricos defendem a importância de se ter uma sistematização na prática docente, voltada para o aperfeiçoamento da metodologia do professor, em sala de aula, por meio de contextos situados, além de acompanhar o ensino contemporâneo, que hoje está associado ao uso das tecnologias e mídias digitais, em sala de aula, como defendem os multiletramentos.

Nesse contexto as discussões, aqui apresentadas, mostraram que os professores precisam preparar os alunos para usarem a língua no convívio social, nas situações reais de uso e por meio de ferramentas que eles utilizam no seu cotidiano, como meios de aprendizagem, isso porque, ainda hoje, a linguagem ensinada, na maioria das vezes, não prioriza os múltiplos letramentos e faz uso de palavras e frases, de forma descontextualizada, sem nenhum sentido para o aluno.

Desse modo justificamos a importância da escola considerar as práticas sociais dos discentes na elaboração dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula. Com isso, esperamos que, na educação atual o ensino possibilite aos educandos a adquirir habilidades nas práticas comunicativas, de modo que contemplem as linguagens nos mais diferentes contextos.

Outro fator relevante foi a contribuição das TICS, como ferramentas no ensino-aprendizagem, ao proporcionar o surgimento de novos gêneros que circulam no meio social. Com o uso da tecnologia em sala de aula, professores e alunos, em um determinado contexto, podem inserir-se em um mundo do multimidiatismo dentro do ensino, e as ferramentas, são caminhos para chegar aos mais variados textos, que por sua vez, apresentam uma vasta multimodalidade e uma multisssemiose, por estarem disponíveis nas mídias em várias linguagens. Portanto, as TICS contribuem significativamente para a educação, mesmo que, se encontra ainda uma forte resistência, por parte de muitos professores, em adotá-las como métodos didáticos e teóricos para o desenvolvimento educacional.

No que se refere à oralidade, compreendemos que ela não pode estar dissociada da escrita, ambas são práticas importantes da língua com características próprias e que servem à interação verbal, sob a forma de variados gêneros, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica. O seu uso deve ser planejado de acordo com o gênero a

ser utilizado, tendo presente que essa modalidade pode desenvolver gêneros na linguagem formal e informal da língua, dependendo das circunstâncias de uso. Exemplos desses são: os gêneros seminários e debate, através da linguagem formal e canções, com a linguagem informal. Nesse contexto, o questionamento sobre como trabalhar a oralidade na perspectiva dos multiletramentos a pesquisa respondeu às expectativas.

Quanto ao objetivo geral: compreender a importância da prática docente em relação aos trabalhos sistematizados com os gêneros orais e escritos na perspectiva do letramento e multiletramentos, em sala de aula, foi devidamente alcançado, dado que a pesquisa conseguiu mostrar a relevância desses trabalhos na perspectiva das práticas sociais dos alunos, de forma sistematizada, além de contemplar o uso das TICS e mídias digitais. Isso porque os (multi)letramentos, desenvolvidos na intervenção, apresentada a professores do 9º ano, no terceiro capítulo deste trabalho, apresentaram atividades preocupadas em desenvolver habilidades de leitura, escrita e oralidade, no contexto das práticas sociais, nas atividades de rotina, o que faz com que a interação aconteça. Na intenção de focar a oralidade, de maneira planejada, utilizamos o gênero entrevista, visto que é um gênero que trabalha lado a lado da oralidade e a escrita.

Enfim, apoiados nas literaturas de teóricos renomados, concluímos que os estudos foram relevantes para as compreensões e conhecimentos, deixando um aprendizado sobre o quanto importante é a prática de se ensinar letrando.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, Língua Portuguesa (1^a – 4^a séries)**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF), 1997.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, Língua Portuguesa (5^a – 8^a séries)**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF), 1997.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B. BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais reflexão e ensino**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 137-151.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras. Coleção Educação e Sociedade, 1995.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. In: MARCONI, M. de A. et. al (Orgs.). 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-37.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-80.

REBOUL, Olivier. **Introdução a retórica**. Tradução de Ivone Castilho Beneditte. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/373393273/REBOUL-O-Introducao-a-retorica-pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Diversidade cultural e linguagens na escola. In: _____; Eduardo Moura (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.